



BARBOSA, Sara Rogéria Santos; SANTOS, Jacira dos; ALVES, Sandra Ribeiro. O épico nas literaturas africanas e afrodiáspóricas: uma cartografia dos escritos publicados pela Revista épicas/CIMEEP. *Revista Épicas*. N. 19 – jun 26, p. 09-25.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2026.v19.0925>

O ÉPICO NAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIÁSPÓRICAS: UMA CARTOGRAFIA DOS ESCRITOS PUBLICADOS PELA REVISTA ÉPICAS/CIMEEP

O ÉPICO NAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIÁSPÓRICAS: UMA CARTOGRAFIA DOS ESCRITOS PUBLICADOS PELA REVISTA ÉPICAS/CIMEEP

Sara Rogéria Santos Barbosa (UFS/CAMPUSITA/CIMEEP) ¹

Jacira dos Santos (SEED/CIMEEP) ²

Sandra Ribeiro Alves (SEED/CIMEEP) ³

RESUMO: Este trabalho propõe uma cartografia crítica das produções veiculadas pela Revista Épicas (CIMEEP), no período de 2017 a 2025, com o objetivo de identificar escritos que trazem a presença étnica negra como eixo central do poema longo. A análise foca na composição épica, invocação, proposição e matéria épica, observando como esses elementos rompem com a hegemonia eurocêntrica ao trazer para o centro das narrativas experiências negras africanas. A metodologia consiste em um levantamento quantitativo de todos os números publicados pelo Cimeep, seguido pela análise de resumos e introduções para catalogar variáveis de ano, país, autoria e temática. Fundamentada na épica moderna, a pesquisa utiliza o aporte teórico de Silva (1980), que discorre acerca da teoria épica do discurso; Neiva (2012), cujo estudo gira em torno das tensões da poesia épica na modernidade; Ramalho e Silva (2022), que tratam da semiotização épica do discurso; e novamente Ramalho (2013; 2014) com a preocupação em traçar estratégias de leitura e recepção da poesia épica. Conclui-se que o estudo da matéria épica centrada na narrativa étnica negra não apenas atualiza o gênero a partir de perspectivas decoloniais, mas enriquece significativamente a pesquisa acadêmica sobre esta modalidade clássica de produção literária.

Palavras-chave: Cartografia Literária; Matéria épica; Épica Moderna; Representação Étnica Negra; Revista Épicas.

ABSTRAC: Este trabalho propõe uma cartografia crítica das produções veiculadas pela Revista Épicas (CIMEEP), no período de 2017 a 2025, com o objetivo de identificar escritos que trazem a presença étnica negra como eixo central do poema longo. A análise foca na composição épica, invocação, proposição e matéria épica, observando como esses

¹ E-mail: sararogeria@academico.ufs.br. <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-7039-9529>.

² E-mail: jacy.se@hotmail.com. <https://orcid.org/0009-0000-6230-9845>.

³ E-mail: alvesandra74@gmail.com. <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0002-0308-9795>

elementos rompem com a hegemonia eurocêntrica ao trazer para o centro das narrativas experiências negras africanas. A metodologia consiste em um levantamento quantitativo de todos os números publicados pelo Cimeep, seguido pela análise de resumos e introduções para catalogar variáveis de ano, país, autoria e temática. Fundamentada na épica moderna, a pesquisa utiliza o aporte teórico de Silva (1980), que discorre acerca da teoria épica do discurso; Neiva (2012), cujo estudo gira em torno das tensões da poesia épica na modernidade; Ramalho e Silva (2022), que tratam da semiotização épica do discurso; e novamente Ramalho (2013; 2014) com a preocupação em traçar estratégias de leitura e recepção da poesia épica. Conclui-se que o estudo da matéria épica centrada na narrativa étnica negra não apenas atualiza o gênero a partir de perspectivas decoloniais, mas enriquece significativamente a pesquisa acadêmica sobre esta modalidade clássica de produção literária.

Keywords: Cartografia Literária; Matéria épica; Épica Moderna; Representação Étnica Negra; Revista Épicas.

Introdução

A epopeia, desde suas origens na antiguidade clássica, constituiu-se como gênero literário privilegiado para a construção e afirmação de identidades coletivas, memórias históricas e projetos civilizatórios. De Homero a Virgílio, de Camões a Milton, o épico consolidou-se como narrativa fundacional de povos e nações, estabelecendo arquétipos heroicos e cosmogonias que legitimaram estruturas de poder e visões de mundo predominantemente eurocêtricas. No entanto, a modernidade propiciou conexões significativas a essa tradição, conforme demonstram os estudos de Neiva (2012) sobre as transformações do gênero épico em contextos de modernização cultural.

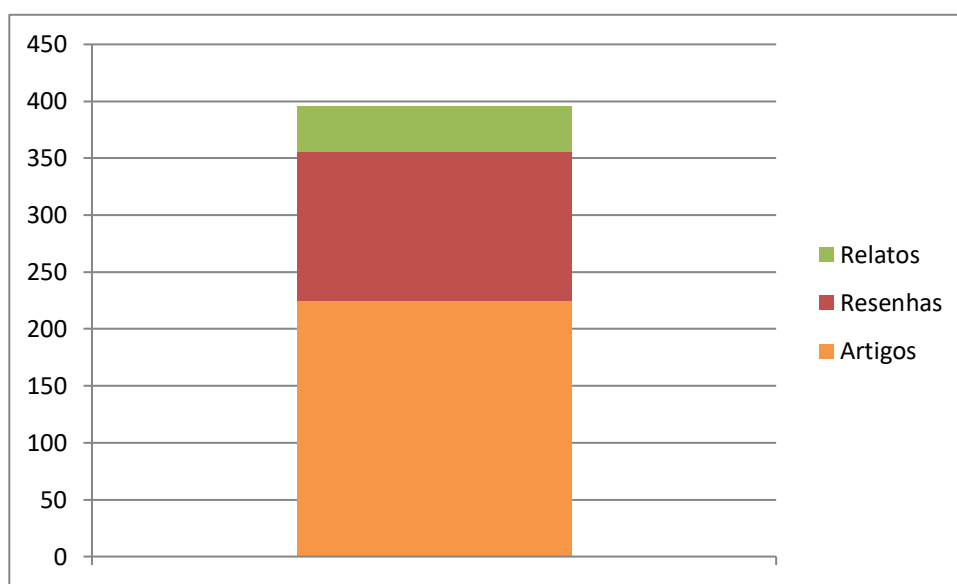
A *Revista Épicas*, publicação oficial do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP) emerge como espaço acadêmico de referência para os estudos contemporâneos sobre o gênero épico. Fundada em 2017 e vinculada à Universidade Federal de Sergipe, a revista consolidou-se como veículo de circulação de pesquisas sobre a épica em suas múltiplas manifestações geográficas, temporais e culturais. A análise de suas publicações permite mapear tendências investigativas, lacunas temáticas e, especialmente para este estudo, a presença ou ausência (silenciamentos), de trabalhos dedicados às literaturas africanas e afrodiaspóricas.

Este trabalho propõe-se a realizar uma cartografia crítica das produções veiculadas pela *Revista Épicas* no período de 2017 a 2025, com o objetivo específico de identificar e analisar escritos que trazem a presença étnica negra como eixo central do poema longo, adotado como *corpus* de análise as edições publicadas no período. O estudo justifica-se pela necessidade de compreender como a produção acadêmica sobre épica vem incorporando, ou não, as epistemologias e experiências negras africanas e afrodiaspóricas em suas investigações. Conforme argumentam Ramalho e Silva (2022), a semiotização épica do discurso encontra-se intrinsecamente relacionada aos contextos socioculturais de produção, circulação e recepção dos textos. Assim, a análise quantitativa dos trabalhos publicados pela *Revista Épicas* permite identificar padrões de visibilidade, marginalização ou protagonismo das temáticas afrocentradas no campo dos estudos épicos contemporâneos.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa articula abordagens quantitativas, levantamento estatístico de todos os trabalhos publicados, com atenção às variáveis de ano, tipo de publicação e temática. Nesse sentido, a pesquisa seguiu os seguintes passos: primeiro foi feita uma análise quantitativa que

identificou 24 edições da *Revista Épicas* ditribuidas entre 18 Regulares e 06 Especiais publicadas entre 2017 e 2025 revelando um *corpus* robusto de 385 trabalhos acadêmicos, distribuídos em três gêneros distintos. Após o levantamento, o segundo passo foi fazer a distribuição a partir dos gêneros textuais. Identificamos uma expressiva representatividade dos artigos científicos com 214 artigos publicados, o que indica a consolidação da *Revista Épicas* como veículo prioritário para a divulgação de pesquisas acadêmicas originais sobre o gênero épico. As resenhas, somando 131 publicações, desempenham papel fundamental na circulação crítica de obras recentes e na formação de repertório bibliográfico para pesquisadores da área. Já os relatos de pesquisa somam 40 textos, embora numericamente menos expressivos, cumprem função importante na documentação de investigações em andamento e práticas de ensino-pesquisa sobre épica. A distribuição evidencia a predominância da produção teórico-analítica no periódico, com clara preponderância de artigos científicos em relação às demais modalidades de publicação.

Figura 01 - Total por tipo de trabalhos publicados entre 2017 e 2025

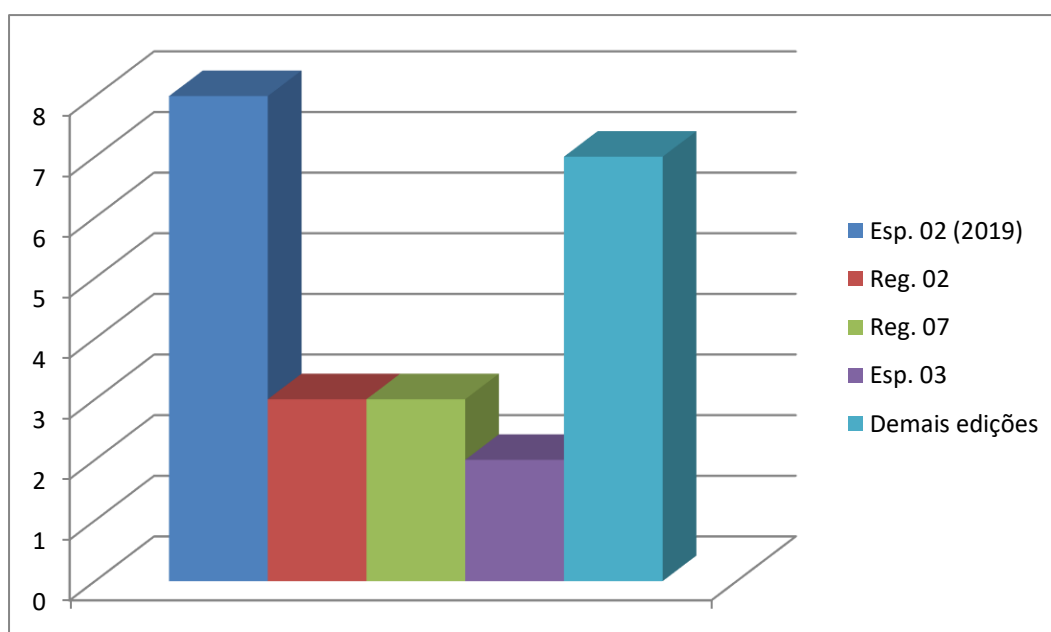


Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da *Revista Épicas*/CIMEEP (2017–2025)

O terceiro e último passo foi identificar escritos que trazem a presença étnica negra como eixo central do poema longo. Do total de 385 trabalhos, apenas 23 (5,97%) abordam temáticas relacionadas às literaturas africanas e afrodiaspóricas, evidenciando uma presença minoritária — mas não irrelevante — dessa produção no conjunto de textos publicados. Esse dado quantitativo revela uma assimetria significativa: enquanto as literaturas europeias, latino-americanas e asiáticas ocupam espaço majoritário nas publicações, as produções épicas de matriz africana e afrodiaspórica permanecem em posição de marginalidade relativa. Por outro lado, ressalta-se a importância da *Revista Épicas* como espaço de divulgação da produção dos pesquisadores que têm na intersecção o épico e o étnico racial negro seu campo de estudo, construção de conhecimento e espaço de divulgação científica.

A distribuição dos 23 trabalhos ao longo das edições não é homogênea. Observa-se concentração significativa na Edição Especial 02 (2019), que publicou 08 trabalhos sobre temática afrocentrada, número que corresponde a 34,78% do total identificado em todo o período. Essa Edição Especial, dedicada à épica luso-africana, representa um marco importante na visibilização das literaturas africanas no periódico, mas também evidencia que, fora de dossiês temáticos específicos, a presença dessas literaturas tende a ser ainda mais rarefeita. Na Edição Regular 02 (2018) apresenta 03 trabalhos, na Edição Regular 07 (2020) conta com 03 trabalhos, na Edição Especial 03 (2020) há mais 02 trabalhos e nas demais há apenas 01 em cada uma delas. Esse padrão de dispersão sugere que a temática afrocentrada, quando não é objeto de chamada específica em dossiês temáticos, está diretamente condicionado às iniciativas individuais de pesquisadores para garantir sua representação no periódico.

Figura 02 - Distribuição dos trabalhos afrocentrados por edição



Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da *Revista Épicas*/CIMEEP (2017–2025)

Essa etapa ainda se ocupou de identificar a distribuição geográfica e autoral dos escritores. Os 23 trabalhos revelam predominância de pesquisadores brasileiros, seguidos por contribuições de estudiosos italianos, portugueses e africanos. Esse dado indica que a maior parte dos estudos sobre épica africana e afrodiaspórica publicados na *Revista Épicas* é produzida por pesquisadores de fora do continente africano, o que levanta questões importantes sobre perspectivas enunciativas e locus de produção do conhecimento sobre essas literaturas. A baixa presença de autores africanos como produtores de conhecimento sobre suas próprias tradições épicas pode estar relacionada a questões de acesso, política editorial, redes acadêmicas e barreiras linguísticas. A *Revista Épicas* publica predominantemente em português, o que pode limitar a participação de pesquisadores de países africanos de expressão inglesa ou francesa. No entanto, essa

constatação também aponta para a necessidade de políticas editoriais mais inclusivas, que ampliem o diálogo com pesquisadores do continente africano e promovam maior diversidade de perspectivas epistemológicas.

Como este trabalho não tem como objetivo fazer análise do corpus, mas um levantamento das publicações feitas na *Revista Épicas*, não há apresentação de aporte teórico como base para a construção desse estudo. Segue-se, então o desenvolvimento tendo como parâmetro os temas identificados nos artigos, resenhas e relatos levantados até o momento.

Entre estudos e temas: o que apresentam os 23 artigos publicados pela *Revista Épicas*

Os textos apresentam de forma consolidada 03 grandes eixos temáticos: 1. resistência e luta anticolonial; 2. oralidade, griost e tradição épica africana; 3. hibridização da épica moderna. O primeiro eixo - Resistência e luta anticolonial – reúne trabalhos que analisam produções épicas que narrativizam processos de resistência à dominação colonial, lutas pela independência nacional e afirmação de identidades negras em contextos de opressão. Destacam-se estudos sobre obras como *Mayombe*, de Pepetela, que representa a guerrilha do MPLA na floresta angolana durante a luta de libertação; *Canto dos Palmares*, de Solano Trindade, que ressignifica o heroísmo épico clássico a partir da memória do Quilombo dos Palmares; e outras narrativas que colocam no centro do épico a experiência histórica de povos negros em luta por liberdade e autodeterminação. Esses trabalhos evidenciam como a matéria épica, quando apropriada por autores africanos e afrodiáspóricos, desloca-se da celebração de heróis conquistadores, figura central da épica clássica europeia, para a narrativização de heróis coletivos, guerrilheiros, quilombolas e sujeitos históricos que lutaram contra sistemas de exploração e racialização. Conforme demonstram as análises, essa reconfiguração do heroísmo épico implica também transformações nas estruturas narrativas, nos recursos estilísticos e nos sistemas simbólicos mobilizados pelos textos.

O segundo eixo temático – Oralidade, griost e tradição épica africana – abarca trabalhos que investigam as formas tradicionais de narrativa épica no continente africano, com ênfase nas práticas de oralidade e no papel dos griots, mestres da palavra responsáveis pela preservação e transmissão de memórias coletivas, genealogias e saberes ancestrais. Esses estudos demonstram como a épica africana, em muitas tradições, constitui-se fundamentalmente como performance oral, intrinsecamente vinculada a rituais, celebrações e contextos comunitários de enunciação. A análise dessas formas tradicionais evidencia diferenças estruturais significativas em relação à épica escrita de matriz europeia. Enquanto a épica clássica ocidental consolida-se como texto fixado pela escrita, a épica africana tradicional caracteriza-se pela fluidez, improvisação e atualização constante da narrativa a cada performance. Essa diferença não é meramente formal, mas epistemológica: implica concepções distintas de memória, autoria, temporalidade e relação entre narrador e comunidade.

O terceiro eixo – Hibridização da épica moderna – contempla trabalhos que analisam a reconfiguração do gênero épico por autores africanos e afrodiáspóricos modernos e contemporâneos, com destaque para processos de hibridização entre tradições épicas europeias, africanas e americanas. Esses

estudos demonstram como autores como Solano Trindade, Pepetela, Paulina Chiziane e outros mobilizam simultaneamente recursos da épica clássica ocidental, como a estrutura de proposição e invocação, e elementos das tradições orais africanas, produzindo formas híbridas que tensionam os limites canônicos do gênero. A hibridização não se restringe às formas narrativas, mas se manifesta também nos conteúdos temáticos, nos sistemas simbólicos e nas perspectivas enunciativas. Autores afrodiaspóricos, por exemplo, frequentemente articulam referências às cosmologias africanas, à memória da escravidão e às experiências de racialização com estruturas narrativas que dialogam com a tradição épica ocidental. Esse cruzamento de matrizes culturais produz textos que não podem ser adequadamente compreendidos nem pela chave de leitura da épica clássica europeia, nem exclusivamente pelas categorias das tradições orais africanas.

Quadro 01 – Categorias temáticas identificadas

Eixo temático	Obras/Autores representativos	Elementos épicos predominantes	Contribuição para os estudos épicos
Resistência e luta anticolonial	Zumbi dos Palmares, Samori Touré, Lat Dior, Dragão do Mar	Heroísmo coletivo, memória histórica, resistência	Amplia a noção clássica de herói para sujeitos historicamente subalternizados.
Oralidade e tradição africana	Epopeias dos griots, El Hadj Omar Tall, Samba Guélâdio Diêgui	Performance oral, ancestralidade, memória coletiva	Valoriza epistemologias africanas e práticas narrativas não escritas.
Hibridização da épica moderna	Georgina Herrera, Paulina Chiziane, Francisco Félix de Souza	Interculturalidade, diáspora, identidade híbrida	Demonstra a capacidade adaptativa da épica contemporânea.
Religiosidade afrodescendente	Cordéis sobre Zumbi e quilombos	Plano maravilhoso, ancestralidade, simbolismo	Integra cosmologias afro-brasileiras à matéria épica.
Memória e identidade negra	Literatura afro-cubana e afro-brasileira	Narrativa identitária, testemunho e resistência	Produz contranarrativas ao cânone eurocêntrico.

Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da Revista *Épicas*/CIMEEP (2017–2025).

Estado da arte e caminho a ser seguido: o desenho que a *Revista Épicas* apresenta

Como todo o trabalho parte dos passos metodológicos anteriormente apresentados, será realizada a etapa três da organização: os temas identificados nos 23 artigos publicados na *Revista Épicas* tanto nas edições regulares quanto nas especiais. A apresentação será feita levando em consideração o ano, a edição

da revista, a quantidade de artigos publicados na edição, título, autoria, nacionalidade e breve resumo. Passemos a eles:

Junho de 2017 - Revista 01 – Ano I – 01 artigo: *Estudo teórico das epopeias*, de Bassirou Dieng (Senegal), corresponde ao estudo crítico-teórico sobre epopeias africanas, com foco nas tradições da África Ocidental. Analisa o gênero épico em contexto africano, destacando especificidades estéticas, históricas e culturais, a centralidade da oralidade e da memória coletiva, e a constituição de um sistema épico próprio, autônomo em relação ao modelo europeu.

Dezembro de 2017 - Revista 02 – Ano I – 03 artigos: *Retórica do discurso épico de funali em Foûta Jalon: a representação paralela de figuras exemplares na confluência de culturas*, de Alpha Barry (França). Analisa a epopeia de Funali como dispositivo retórico em que memória, política, religião e identidade cultural se entrelaçam. A representação paralela de figuras exemplares funciona como mecanismo de construção simbólica do herói e de consolidação de valores comunitários, evidenciando o papel social da epopeia na África Ocidental. *L'épopée entre tradition et modernité*, de Amadou Oury Diallo (Senegal). O artigo discute a permanência e a transformação da epopeia nas sociedades africanas contemporâneas, com foco na África Ocidental. Mostra que a epopeia africana é um gênero dinâmico, que dialoga com a modernidade sem perder suas raízes orais, colocando em tensão tradição/escrita e oralidade/transformação. *Existe uma épica de resistência à colonização? Alguns "épicas africanos em construção"*, de Elara Bertho (França). Ela analisa narrativas africanas orais e escritas que constroem figuras heroicas associadas à resistência à dominação colonial. Questiona se tais narrativas podem ser classificadas como epopeias no sentido tradicional ou como "épicas em construção", articulando épica, resistência anticolonial e literaturas africanas contemporâneas.

Dezembro de 2018 - Revista 04 – Ano II – 01 artigo: *Os elementos épicos africanos e a busca por uma epopeia moderna: o exemplo de Blue Fasa de Nathaniel Mackey*, de Cyril Vettorato (França). Argumenta que o livro *Blue Fasa* constitui uma epopeia em diálogo com a tradição africana e a experiência afrodiáspórica contemporânea. Mostra como Mackey preserva o espírito épico (heroísmo coletivo, memória, musicalidade) ao mesmo tempo em que reinventa a forma épica para o contexto moderno e para uma sensibilidade negra diaspórica.

Junho de 2020 – Revista 07 – Ano IV – 03 artigos: *Boubou Ardo Galo, uma interpretação songaizarma*, de Sandra Bornand (França). Analisa a narrativa épica *Boubou Ardo Galo*, da tradição oral Songai-Zarma (Níger e Mali). Examina a obra como expressão da epopeia africana oral, destacando dimensões históricas, míticas e performáticas e o vínculo entre memória coletiva, identidade étnica e narrativa heroica. *Mutations et métamorphoses de l'épique au Fouta-Djallon*, de Amadou Oury Diallo (Senegal). Estuda as transformações da tradição épica na região do Fouta-Djallon, marcada pelo Estado teocrático peul desde o século XVIII. Mostra como o épico oral se adapta a mudanças políticas, religiosas e sociais, reelaborando guerras, fundação de estados e figuras heroicas islâmicas diante de novas conjunturas históricas. *Entre a guerrilha e a literatura: dimensões épicas no romance Mayombe de Pepetela*, de Jeane de C. N. Santos e Daynara Lorena Cortes. (Brasil). Analisa o romance *Mayombe*, de Pepetela, como narrativa da luta de libertação angolana

que assume dimensões épicas. Evidencia como a representação da guerrilha do MPLA na floresta do Mayombe incorpora estruturas e símbolos do épico, articulando memória da guerra, construção do herói coletivo e afirmação da identidade angolana.

Junho de 2021 – Revista 09 – Ano V – 01 artigo: *Ressignificando o heroísmo épico clássico: Solano Trindade em “Canto dos palmares”*. Daynara Lorena Cortez (Brasil). Examina o poema “Canto dos Palmares”, de Solano Trindade, como releitura afro-brasileira do heroísmo épico. Discute como a memória do Quilombo dos Palmares e a experiência negra no Brasil reconfiguram o modelo épico clássico, inserindo a luta antirracista e a ancestralidade africana no centro da narrativa poética.

Junho de 2022 – Revista 11 – Ano 1V – 01 artigo: *Aspectos da épica na vida literária de Francisco Félix de Souza em The Viceroy of Ouidah (1980), de Bruce Chatwin, e Cobra Verde (1987), de Werner Herzog*, de Gabriela Iurcev (Itália). Este artigo analisa os aspectos épicos na representação literária de Francisco Félix de Souza, traficante de escravos no século XIX, em *The Viceroy of Ouidah* (1982), de Bruce Chatwin, e sua adaptação cinematográfica *Cobra Verde* (1987), de Werner Herzog. No plano literário, identifica-se a hibridização dos planos histórico e maravilhoso, com temas épicos como a identidade heroica (santificação e mitos antropológicos), deslocamento espacial e a Bahia como paraíso perdido, inalcançável para o protagonista e sua descendência.

Dezembro de 2023 – Revista 14 – Ano VII – 01 artigo: *Contradições e diálogos do amor e das culturas: uma leitura de Balada de amor e vento, de Paulina Chiziane*, de Gabrielly Késsia de Brito Negromonte e Fábio Mário da Silva (Brasil). Este trabalho analisa *Balada de Amor ao Vento*, de Paulina Chiziane, focando nas relações entre amor e cultura moçambicana. Investiga as três fases do relacionamento entre Sarnau e Mwando, revelando contradições amorosas influenciadas pelo confronto entre tradições africanas e europeias. Destaca a condição feminina, denunciando desigualdades de gênero e patriarcado, com reflexões teóricas de Octavio Paz. Valoriza a oralidade na narrativa e propõe a história como símbolo de diálogo cultural sem hierarquias.

Junho de 2017 - Revista Especial 01 – Ano I – 01 artigo: *La épica de una escritura testimonial y poética*, de María del Mar Lopez-Cabrales (Estados Unidos da América). Georgina Herrera entre memórias y olvidos afro-cubanos. Aborda a escrita da poeta afrocubana Georgina Herrera, trabalhando memória, testemunho e experiência negra na diáspora.

Setembro de 2019 – Revista Especial 02 – Ano 03 – 08 artigos: *Zumbi dos Palmares em Cordel*, de Luciara Leite de Mendonça (Brasil). O texto analisa o cordel épico Zumbi dos Palmares em cordel, de Madu Costa, destacando sua estrutura e temática. A obra narra a trajetória de Zumbi no contexto da escravidão, evidenciando sua luta pela liberdade e a formação dos quilombos. O estudo ressalta o caráter heroico e simbólico de Zumbi, aproximando-o de figuras míticas traídas. Assim, Zumbi é apresentado como um herói histórico e mítico, representando a identidade coletiva negra. *Zumbi dos Palmares: Herói negro do Brasil*, de Luciara Leite de Mendonça (Brasil). O texto analisa o cordel Zumbi dos Palmares herói negro do Brasil, de Fernando Paixão, destacando sua estrutura e temática. A obra aborda a resistência do povo negro à

escravidão, com foco na luta de Zumbi no Quilombo de Palmares. Também apresenta fatos históricos do Brasil, como a colonização e as guerras contra Palmares. Zumbi é retratado como herói histórico e mítico, símbolo da luta e da identidade negra. *Símbolo de Liberdade*, de Luciara Leite de Mendonça (Brasil). O texto analisa o cordel Zumbi símbolo de liberdade, de Antônio Barreto, destacando sua estrutura e temática. A obra exalta Zumbi como símbolo de liberdade e critica as desigualdades sociais no Brasil. Narra sua trajetória desde o nascimento até a morte, enfatizando suas lutas. Zumbi é apresentado como herói histórico e mítico, representando a resistência e a cultura brasileira. *Zumbi, Um Sonho da Igualdade*, Luciara Leite de Mendonça (Brasil). O texto analisa o cordel Zumbi, um sonho da igualdade, de Joseneide Dantas (Gigi), destacando sua abordagem histórica e social. A obra trata da escravidão no Brasil, do surgimento dos quilombos e da luta dos negros por liberdade. Exalta Zumbi como herói histórico e mítico, associado à resistência e à identidade negra. Também incorpora elementos da religiosidade afro-brasileira e apresenta uma visão crítica da exploração sofrida pelos negros. No bloco “Epopéia Oral”, aparecem várias narrativas africanas ligadas à tradição dos griots.

El Hadj Omar Tall (1797-1864), de Cheick Sakho (Senegal). O texto apresenta a epopeia oral de El Hadj Omar Tall, destacando sua importância histórica e simbólica na África Ocidental. Ele é retratado como líder religioso e conquistador, responsável pela expansão do islamismo e pela resistência ao colonialismo francês. Sua trajetória inspirou diversas narrativas épicas preservadas pela tradição oral dos griots. Assim, El Hadj Omar é apresentado como um herói central no imaginário cultural senegambiano. *Epopéia de Samba Guélâdio Diêgui*, de Cheick Sakho (Senegal). O texto apresenta a epopeia oral de Samba Guélâdio Diêgui, destacando-o como uma importante figura heroica da África Ocidental. A narrativa conta sua trajetória como herdeiro que perde o poder, vive no exílio e retorna com um exército para recuperar seu trono. Trata-se de um conflito político familiar, marcado por disputas de poder. A obra também evidencia a tradição oral africana, preservada pelos griots e estudada por diversos pesquisadores. *Lat Dior (1842-1886)*, de Cheick Sakho ((Senegal)). O texto apresenta a epopeia oral de Lat Dior, destacando-o como um importante líder e herói do Senegal. Ele é retratado como um rei que resistiu à colonização francesa, especialmente contra a construção de uma ferrovia em seu território. Sua trajetória é marcada por batalhas e pela defesa de seu povo até sua morte. Assim, Lat Dior é reconhecido como símbolo de resistência e herói nacional, celebrado na tradição oral e em estudos acadêmicos.

Samouri Touré (1830-1900), de Elara Bertho (França). O texto trata da epopeia oral de Samori Touré, destacando sua resistência anticolonial contra franceses e britânicos entre 1881 e 1898. Ele é retratado como líder estratégico e fundador de um vasto império na África Ocidental. As narrativas sobre Samori circulam em diversas formas e apresentam tanto visões laudatórias, que o veem como herói e “pai da nação”, quanto críticas que o retratam como tirano. O texto evidencia sua importância histórica e simbólica no pan-africanismo e na tradição oral africana.

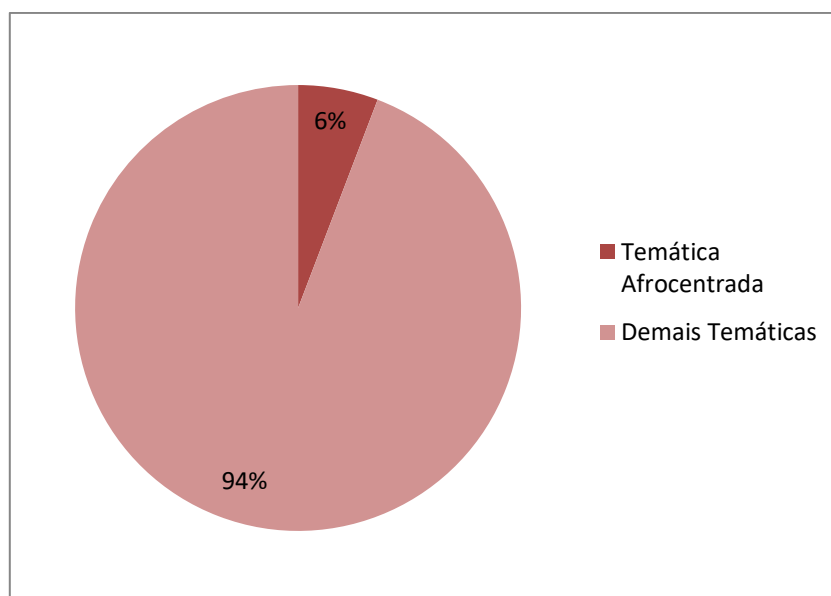
Novembro de 2020 – Revista Especial 03 – Ano 04 – 02 artigos: *A saga da liberdade, o grito da cor negra*, de Rosângela Trajano (Brasil). Esse cordel trabalha a luta pela liberdade e a identidade negra,

dialogando com a tradição da literatura afro-brasileira. O texto analisa o cordel épico *A saga da liberdade, o grito da cor negra* (2015), de Mané Beradeiro, destacando sua estrutura em sextilhas e seu caráter histórico e social. A narrativa tem como figura central Zumbi dos Palmares, apresentado como herói da resistência negra contra a escravidão no Brasil colonial. O cordel retrata a formação dos quilombos, especialmente Palmares, e as lutas dos negros por liberdade diante da opressão. Também aborda a repressão violenta que levou à morte de Zumbi e menciona a atuação de abolicionistas como Joaquim Nabuco. Por fim, destaca que, apesar da abolição, o racismo permanece como herança desse período histórico. *Dragão do Mar. Herói da terra da luz* (2010), de Christina Ramalho. A obra trata da figura de Francisco José do Nascimento, líder dos jangadeiros do Ceará que se recusaram a transportar pessoas escravizadas. Ele é um símbolo importante da luta abolicionista no Brasil. O texto analisa o cordel épico *Dragão do Mar. Herói da Terra da Luz* (2010), de Klévisson Viana, destacando sua estrutura em 48 sextilhas e a centralidade do herói Francisco José do Nascimento. O cordel retrata seus feitos heroicos no Ceará, especialmente ao fechar o porto de Fortaleza para impedir o embarque de escravos, ação que contribuiu para a abolição local da escravidão quatro anos antes da Lei Áurea. O apelido “Dragão do Mar” confere-lhe dimensão simbólica e mítica, representando coragem, luta e resistência. A obra enfatiza a importância histórica e social de Francisco José do Nascimento, enquanto critica o esquecimento de sua memória no imaginário regional e nacional.

Março de 2023 – Revista Especial 0 – Ano 07 – 01 artigo: *Les griots des temps modernes: musiciens et médiation de l'épopée en Afrique/Os griôs dos tempos modernos: músicos e mediação da epopeia na África*, de Cheick Sakho (Senegal). Este artigo trata da tradição dos griôs africanos, a transmissão oral da epopeia e o papel da música como mediadora da narrativa épica, enquadrando-se claramente na temática africana/afrodiaspórica.

Por fim, o projeto de cartografia crítica das produções da revista entre 2017 e 2025, proposto no documento de referência, consolida essas tendências ao definir como objetivo identificar escritos em que a presença étnica negra constitui eixo central do poema longo e ao analisar como invocação, proposição e matéria épica podem romper com a hegemonia eurocêntrica ao recentrar experiências negras africanas e afrodiaspóricas. Tal formulação confirma que a representação étnica negra em poemas longos integra o escopo temático reconhecido e incentivado pela política editorial do periódico, apesar de ainda ser incipiente, como se vê:

Figura 03 - Representatividade das literaturas africanas e afrodiaspóricas no corpus



Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da *Revista Épicas/CIMEEP* (2017–2025)

Com base nas informações do documento de cartografia, foram criadas categorias de país ou região (Brasil, Itália, Portugal, África, outros), permitindo relacionar o lócus de produção dos estudos à temática abordada. Conforme o quadro abaixo:

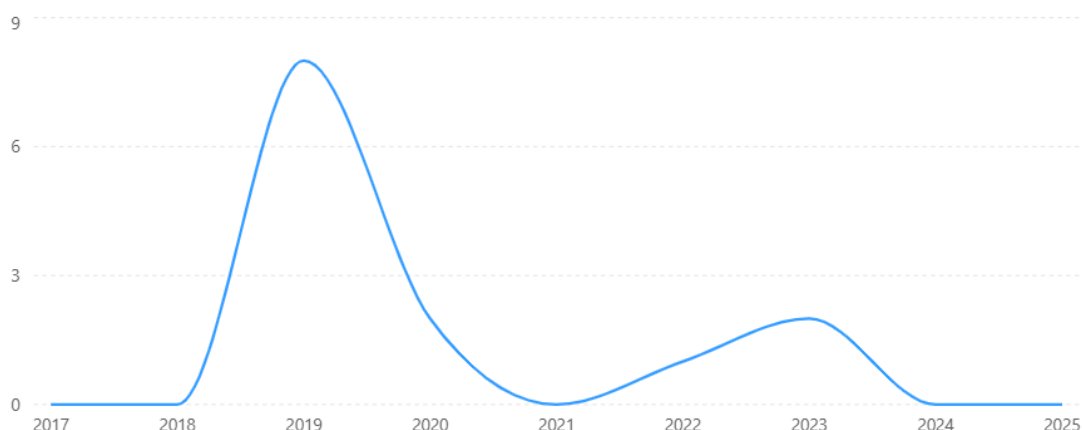
Quadro 02 - Síntese da presença étnica negra nas produções épicas publicadas pela *Revista Épicas/CIMEEP* (2017–2025)

Categoria de análise	Evidências encontradas	Frequência	Interpretação crítica
Produção total analisada	Artigos, relatos de pesquisa e resenhas	396 trabalhos	Corpus representativo da produção acadêmica do CIMEEP no período investigado.
Produções afrocentradas	Trabalhos sobre literaturas africanas e afrodiaspóricas	23 trabalhos (5,8%)	Baixa representatividade quantitativa da temática negra nos estudos épicos.
Maior concentração temática	Edição Especial nº 02 (2019)	8 trabalhos (34,8% do total afrocentrado)	Demonstra a importância dos dossiês temáticos para ampliar a visibilidade das literaturas africanas.
Principal espaço de publicação	Resenhas críticas	10 trabalhos	A temática afrocentrada aparece mais frequentemente vinculada à divulgação crítica do que à pesquisa original.

Eixo 1 – Resistência e luta anticolonial	Zumbi dos Palmares, Samori Touré, Lat Dior, El Hadj Omar Tall, Dragão do Mar	11 trabalhos	Reconfiguração do heroísmo épico a partir da resistência negra e da luta por liberdade.
Eixo 2 – Oralidade e tradição africana	Griots, epopeias da África Ocidental, transmissão oral	7 trabalhos	Valorização da memória coletiva africana e questionamento da centralidade da escrita na tradição épica.
Eixo 3 – Hibridização épica contemporânea	Paulina Chiziane, Georgina Herrera, Francisco Félix de Souza, Blue Fasa	5 trabalhos	Articulação entre tradição épica, diáspora africana e perspectivas decoloniais.
Espaços geográficos mais recorrentes	Brasil, Senegal, Cuba, Moçambique e África Ocidental	23 trabalhos	Predomínio da diáspora afro-brasileira e das tradições épicas da África Ocidental.
Heróis mais recorrentes	Zumbi dos Palmares	5 ocorrências	Consolidação de Zumbi como principal herói épico afro-brasileiro no corpus analisado.
Formas de representação da negritude	Resistência, ancestralidade, memória, identidade coletiva, oralidade e religiosidade	Recorrência elevada	Construção de uma matéria épica centrada em experiências históricas negras e decoloniais.
Lacunas identificadas	Baixa participação de pesquisadores africanos	Predomínio de autores brasileiros e europeus	Necessidade de ampliação das redes acadêmicas Sul-Sul e da circulação de epistemologias africanas.

Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da *Revista Épicas/CIMEEP* (2017–2025).

O documento de cartografia registra predominância de pesquisadores brasileiros, seguidos por italianos, portugueses e africanos, além de indicar que a maior parte dos estudos sobre épica africana é produzida por pesquisadores de fora do continente.



Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da *Revista Épicas/CIMEEP* (2017–2025)

A evolução temporal das publicações evidencia uma distribuição descontínua da temática africana e afrodiaspórica no âmbito da Revista *Épicas/CIMEEP*. O ano de 2019 representa um ponto de inflexão, concentrando oito trabalhos, o equivalente a aproximadamente 38% de toda a produção identificada no período. Esse resultado decorre diretamente da publicação da Edição Especial n.º 02, dedicada às literaturas africanas e afrodiaspóricas. Nos anos subsequentes observa-se redução significativa da frequência de publicações, com ocorrências pontuais em 2020, 2022 e 2023. A ausência de trabalhos identificados em diversos anos demonstra que a inserção da temática ainda depende de iniciativas editoriais específicas, não constituindo uma linha contínua de investigação no periódico. Tal cenário reforça a necessidade de ampliação de políticas editoriais voltadas à valorização das epistemologias africanas e afrodiaspóricas, favorecendo maior regularidade na circulação desses estudos e contribuindo para a consolidação de uma perspectiva afrocentrada no campo dos estudos épicos.

Quadro 03 - Identificação das produções por ano

Ano	Quantidade	Produções identificadas
2017	0	Não foram identificados trabalhos sobre a temática.
2018	0	Não foram identificados trabalhos sobre a temática.
2019	8	Série de resenhas sobre Zumbi dos Palmares, El Hadj Omar Tall, Samba Guélâdio Diêgui, Lat Dior e Samori Touré.
2020	2	<i>A saga da liberdade, o grito da cor negra; Dragão do Mar: Herói da Terra da Luz.</i>
2021	0	Não foram identificados trabalhos sobre a temática.
2022	1	<i>Aspectos da épica na vida literária de Francisco Félix de Souza.</i>
2023	2	<i>Les griots des temps modernes; Balada de amor e vento</i> , de Paulina Chiziane.
2024	0	Não foram identificados trabalhos sobre a temática.

Fonte: Autoria própria a partir da cartografia das publicações da *Revista Épicas/CIMEEP* (2017–2025).

A identificação dos trabalhos afrocentrados decorre da leitura sistemática, que registra, entre as edições regulares, estudos sobre epopeias africanas da África Ocidental, sobre a epopeia de Funali em Foûta Jalon, sobre a narrativa épica *Boubou Ardo Galo* e sobre *Blue Fasa*, de Nathaniel Mackey. O estudo teórico de Bassirou Dieng descreve as epopeias africanas como sistema épico próprio, sustentado pela oralidade e pela memória coletiva, com especificidades estéticas, históricas e culturais e autonomia em relação ao modelo europeu, o que o situa claramente no campo afrocentrado. O trabalho de Alpha O. Barry analisa a epopeia de Funali como dispositivo retórico em que memória, política, religião e identidade cultural se entrelaçam, reforçando a centralidade de sujeitos e comunidades africanas. Em 2018, o artigo de Cyril Vettorato argumenta que *Blue Fasa* constitui uma epopeia em diálogo com a tradição africana e com a experiência afrodiásporica contemporânea, preservando heroísmo coletivo, memória e musicalidade em chave negra diaspórica. Já a análise de *Boubou Ardo Galo* enfatiza dimensões históricas, míticas e performáticas e o vínculo entre memória coletiva, identidade étnica e narrativa heroica).

A proporção de produções afrocentradas elevase de modo significativo quando se consideram as edições especiais. Em 2019, um número reúne oito resenhas de cordéis sobre Zumbi dos Palmares, como *Zumbi dos Palmares em cordel*, *Zumbi dos Palmares herói negro do Brasil*, *Zumbi símbolo de liberdade* e *Zumbi, um sonho da igualdade*. Os resumos indicam que esses cordéis narram a trajetória de Zumbi no contexto da escravidão, enfatizando a luta pela liberdade, a formação dos quilombos, a resistência do povo negro, a crítica às desigualdades sociais e a construção de Zumbi como herói histórico e mítico, símbolo de liberdade, da identidade negra, da resistência e da cultura brasileira.

Em 2020, outra edição especial apresenta resenhas de *A saga da liberdade, o grito da cor negra* e de *Dragão do Mar. Herói da Terra da Luz*. No primeiro caso, a figura central é novamente Zumbi dos Palmares, herói da resistência negra contra a escravidão, com destaque para a formação de quilombos, a repressão violenta e a permanência do racismo após a abolição; no segundo, Francisco José do Nascimento é construído como herói abolicionista cearense, com dimensão simbólica e mítica e crítica ao esquecimento de sua memória. Esses dez textos fazem com que, nos anos de 2019 e 2020, a proporção de resenhas afrocentradas em relação ao total anual seja particularmente elevada. O resumo registra ainda o bloco "Epopeia Oral", com estudos sobre as narrativas de El Hadj Omar Tall, Samba Guélâdio Diêgui, Lat Dior e Samori Touré, todos identificados como líderes africanos cujas trajetórias de resistência anticolonial, disputas de poder, expansão religiosa e fundação de impérios são preservadas pela tradição dos griots e reconhecidas como centrais no imaginário senegambiano e panafricanista. Lat Dior, por exemplo, é descrito como símbolo de resistência e herói nacional senegalês, enquanto Samori Touré é apresentado como líder estratégico e "pai da nação" em certas narrativas, com forte importância histórica e simbólica no panafricanismo. Esses estudos acrescentam

novas entradas ao conjunto afrocentrado, ampliando a participação da temática africana dentro das edições regulares.

Breves considerações ou "nunca é tarde para voltar atrás e buscar o que ficou para trás"

Este estudo se debruçou em fazer uma cartografia das publicações da *Revista Épicas* centradas nas questões étnicas negras. Para isso identificou temas que validam história, memória e cultura brasileira e Africana. A articulação entre história e memória da população negra nas produções mapeadas manifesta-se de forma concentrada em dois conjuntos principais: as resenhas de cordéis épicos brasileiros de temática negra e os estudos dedicados às epopeias orais da África Ocidental. Em ambos os casos, a narrativa épica serve de suporte para reinscrever trajetórias de resistência, lutas políticas e experiências de escravização e colonização a partir de sujeitos negros que se tornam eixos de memória coletiva. Nos cordéis sobre Zumbi dos Palmares, a história da escravidão no Brasil colonial é recontada por meio de uma figuração heroica que condensa lembranças de opressão e de luta. As resenhas indicam que obras como *Zumbi dos Palmares em cordel*, *Zumbi dos Palmares herói negro do Brasil*, *Zumbi símbolo de liberdade* e *Zumbi, um sonho da igualdade* narram a trajetória de Zumbi no contexto da escravidão, enfatizando formação de quilombos, resistência do povo negro, crítica às desigualdades sociais e permanência da exploração, ao mesmo tempo em que o apresentam como herói histórico e mítico, representante da identidade coletiva negra e da cultura brasileira. O cordel épico *A saga da liberdade, o grito da cor negra* aprofunda esse vínculo entre narrativa épica e memória histórica.

Memória e história negra também se cruzam na resenha de *Dragão do Mar. Herói da Terra da Luz*. Ao reconstruir os feitos de Francisco José do Nascimento, que bloqueia o porto de Fortaleza para impedir o embarque de pessoas escravizadas, o texto ressalta tanto sua importância histórica para a abolição antecipada no Ceará quanto a crítica ao apagamento de sua memória no imaginário regional e nacional. O cordel, assim, funciona como contraarquivo, recuperando uma liderança negra abolicionista e conferindo-lhe dimensão simbólica e mítica. Em paralelo ao contexto brasileiro, as sínteses sobre epopeias orais africanas evidenciam a centralidade da memória coletiva na construção de figuras heroicas negras.

A narrativa de El Hadj Omar Tall o apresenta como líder religioso e conquistador, responsável pela expansão do islamismo e pela resistência ao colonialismo francês, cuja trajetória é preservada em diversas epopeias orais transmitidas por griots, o que o torna herói central no imaginário senegambiano. Samba Guéládio Diêgui é lembrado como herdeiro exilado que retorna com exército para recuperar o trono, em trama marcada por disputas de poder. Lat Dior surge como rei que resiste à colonização e à construção de ferrovia, sendo reconhecido como símbolo de resistência e herói nacional no Senegal. Samori Touré é figurado como líder estratégico e fundador de amplo império, com narrativas que oscilam entre elogios que o tomam por "pai da nação" e leituras que o veem como tirano, evidenciando sua importância histórica e simbólica no panafricanismo.

No âmbito afrodiásporico, a resenha sobre Georgina Herrera indica que sua poesia afrocubana trabalha memória, testemunho e experiência negra na diáspora, enquanto o estudo sobre *Blue Fasa* argumenta que a obra constitui uma epopeia em diálogo com a tradição africana e com a experiência afrodiásporica contemporânea, preservando heroísmo coletivo, memória e musicalidade. Essas leituras evidenciam a permanência do eixo história/memória negra na reconfiguração moderna da forma épica. A dimensão mítica das narrativas mapeadas manifestase de modo particularmente intenso nos cordéis épicos sobre Zumbi dos Palmares e na construção simbólica de líderes africanos em epopeias orais da África Ocidental. Nos cordéis, Zumbi é reiteradamente qualificado como herói histórico e mítico, aproximado de figuras míticas e investido de forte carga simbólica, de modo a condensar, numa mesma personagem, memória da escravidão, resistência coletiva e projeto de liberdade.

A religiosidade afrobrasileira aparece explicitamente como componente dessa construção mítica. A resenha de *Zumbi, um sonho da igualdade* assinala que o cordel incorpora elementos da religiosidade afrobrasileira ao tratar da escravidão, do surgimento dos quilombos e da luta dos negros por liberdade, reforçando a associação de Zumbi à resistência e à identidade negra. A inserção de tais referências religiosas no interior de um poema longo de caráter épico indica que práticas, crenças e símbolos afrobrasileiros integram a tessitura da matéria épica e participam da mitificação do herói e da comunidade quilombola.

O bloco "Epopeia Oral" reúne narrativas sobre El Hadj Omar Tall, Samba Guélâdio Diêgui, Lat Dior e Samori Touré, nas quais esses líderes africanos são apresentados como heróis cujas trajetórias de expansão religiosa, disputas de poder, resistência à colonização francesa e britânica e fundação de impérios são preservadas pela tradição oral. El Hadj Omar Tall é descrito como líder religioso e conquistador responsável pela expansão do islamismo e pela resistência ao colonialismo francês, tornando-se herói central no imaginário cultural senegambiano. Samba Guélâdio Diêgui figura como herdeiro que perde o poder, vive no exílio e retorna com exército para recuperar o trono, em conflito político familiar marcado por disputas de poder. Lat Dior é retratado como rei que resiste à colonização francesa e à construção de ferrovia, sendo reconhecido como símbolo de resistência e herói nacional, celebrado em narrativas orais e estudos acadêmicos. Samori Touré aparece como líder estratégico e fundador de vasto império, cujas epopeias oscilam entre visões laudatórias, que o tomam como herói e "pai da nação", e leituras críticas que o classificam como tirano, ressaltando sua importância histórica e simbólica no panafricanismo e na tradição oral africana.

Por fim, o texto sobre Georgina Herrera localiza na poesia afrocubana da autora um trabalho intenso com memória, testemunho e experiência negra na diáspora, o que indica a permanência de eixos míticos culturais afrodiáspóricos também em registros líricos, articulando lembranças coletivas e subjetividade feminina negra. Em conjunto, esses materiais evidenciam que mitologia, religiosidade, musicalidade e símbolos de resistência configuram um repertório consistente de elementos culturais afrodiáspóricos mobilizado pelas produções da revista voltadas à presença étnica negra. A articulação entre resistência e

identidade emerge com nitidez nas produções afrocentradas mapeadas, especialmente nos cordéis épicos brasileiros e nas epopeias orais da África Ocidental.

Referencias

NEIVA, Saulo. Tensões da poesia épica na modernidade. In: RAMALHO, Christina; VASCONCELOS, Sandra Guardini (Org.). **A poesia épica em questão**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos**: estratégias de leitura. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

RAMALHO, Christina. Ler a épica é preciso. In: RAMALHO, Christina (Org.). **Vozes épicas**. Rio de Janeiro: Uapê, 2014.

RAMALHO, Christina; SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Semiotização épica do discurso**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Teoria épica do discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Formação épica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Elo, 1987.